


Velhice, memórias e pandemia: História oral participativa no Galpão ZL – Jardim Lapena/São Paulo

Lívia Morais Garcia Lima

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Engenharia e Ciências, Rosana, São Paulo

 <https://orcid.org/0000-0001-9962-7820>

E-mail: livia.m.lima@unesp.br

Resumo: O artigo discute a interface “velhice e pandemia” a partir do trabalho de história oral, realizado de modo participativo com idosos frequentadores do Galpão ZL, localizado no bairro Jardim Lapena, Zona Leste de São Paulo. Por meio de suas memórias, eles narram suas trajetórias de vida e o impacto da COVID-19. O artigo aborda aspectos da composição dessas memórias sobre a pandemia, bem como discussões metodológicas sobre a catalisação das narrativas, registradas no calor do momento a partir das entrevistas. Tal contexto é problematizado em um trabalho coletivo, realizado em parceria com o grupo de moradores do bairro estudado. O início do recorte temporal situa-se em 11 de março de 2020, quando a OMS anunciou a pandemia de COVID-19 e foram iniciadas medidas para evitar que a doença se propagasse rapidamente. As pessoas idosas, consideradas grupo de risco, tiveram, em sua maioria, que interromper suas atividades diante do chamado isolamento social. Desde então, pesquisadores de diferentes áreas têm investigado o impacto da pandemia na sociedade.

Palavras-chave: Memórias, Covid-19, Velhice, Pandemia, História Oral.

Old age, memories and pandemic: Participatory oral history at Galpão ZL – Jardim Lapena/São Paulo

Abstract: The article explores the intersection of “old age and pandemic” through oral history work conducted in a participatory manner with elderly attendees of Galpão ZL, located in the Jardim Lapena neighborhood in the East Zone of São Paulo. Through their memories, they recount their life trajectories and the impact of COVID-19. The article examines aspects of how these pandemic-related memories are composed, along with methodological discussions on the catalysis of narratives captured in the immediacy of the moment during interviews. This context is critically analyzed as part of a collective effort carried out in partnership with a group of residents from the neighborhood under study. The time frame begins on March 11, 2020, when the WHO declared COVID-19 a pandemic and measures were implemented to curb the rapid spread of the disease. Elderly individuals, identified as a high-risk group, were predominantly compelled to halt their activities due to the so-called social isolation. Since then, researchers across various fields have been investigating the pandemic’s impact on society.

Keywords: Memories, Covid-19, Old Age, Pandemic, Oral History.

Introdução

Entre os meses de março e outubro de 2022, foram realizadas, transcritas e autorizadas entrevistas com vinte e cinco idosos(as) residentes na Zona Leste de São Paulo. As entrevistas tiveram a finalidade de compreender como não só o vírus, mas também os discursos sobre a pandemia e as ações governamentais e públicas afetaram seu cotidiano e suas relações familiares.¹

Entre os entrevistados(as) estavam mulheres e homens, negros(as) e brancos(as), pertencentes a religiões de matriz africana e cristã, com idades entre 60 e 85 anos. As entrevistas tiveram a finalidade de compreender como não só o vírus, mas os discursos sobre a pandemia e as ações governamentais e públicas afetaram o seu cotidiano e as relações familiares. Entre os entrevistados/as estiveram mulheres e homens, negros/as e brancos/as, pertencentes a religiões de matriz africana e cristã, que possuíam entre 60 e 85 anos de idade.

A pesquisa foi realizada no âmbito do Centro de Memória Urbana (CMUrb) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Campus Zona Leste, que prioriza o contato próximo com as comunidades do entorno e a compreensão da pesquisa como uma experiência participativa. Neste caso, considerando as circunstâncias pandêmicas, o próprio modo de realização das entrevistas foi uma questão – decidida com base na escolha e no critério do entrevistado(a). Para os(as) entrevistados(as) que optaram por realizar a entrevista presencialmente, foram tomados os devidos cuidados para garantir a segurança sanitária dos envolvidos.

Neste artigo, busca-se integrar e contribuir para a análise e aprofundamento do debate em torno dos impactos sociais da pandemia da Covid-19 sobre a população idosa e ancorá-lo numa perspectiva que comporte a experiência dos sujeitos, bem como discussões metodológicas sobre a catalisação das narrativas, no calor do momento, registradas a partir das entrevistas de história oral.

Nesse processo, a história oral permite, através da fala e da escuta, o registro de histórias narradas, entrando em contato com a memória do passado e a cultura do presente, em uma prática reflexiva. Na presente pesquisa, foi utilizada a modalidade da história de vida, a qual, segundo

¹ As abordagens e os instrumentos metodológicos utilizados obedeceram aos procedimentos éticos estabelecidos para a pesquisa científica em Ciências Humanas e o projeto investigativo foi aprovado pelo parecer no. 5.272.141.

Santhiago e Magalhães (2015), permite olhar demoradamente para a vida das pessoas. Ela é um mergulho na trajetória e nas experiências de um indivíduo, pois é sobre ele que recai a ênfase do pesquisador, caracterizando-se por abordar em profundidade determinados temas, períodos, vivências, ou contemplar e combinar diferentes aspectos dentro de um quadrante temporal específico.

Os contatos com os entrevistados foram feitos a partir da técnica “bola de neve” ou de “rede de entrevistados”, na qual participantes da pesquisa indicam outros possíveis participantes, ampliando o escopo dos entrevistados, de acordo com o princípio da “rede”, frequente nos estudos de história oral (Meihy, 1998; Santhiago e Magalhães, 2015).

Foram levantados debates patrimoniais a partir das narrativas de moradores da Zona Leste da cidade de São Paulo, região assinalada por uma longa história de desigualdades urbanas. Particularmente, propõe-se um recorte territorial para o Jardim Lapena, bairro localizado na várzea do Rio Tietê, na subprefeitura de São Miguel Paulista, a cerca de 30 quilômetros do centro da capital paulista.

O bairro é conhecido por ter fácil acesso à rede de transporte estrutural de São Paulo e grande oferta de equipamentos públicos. Esta combinação é responsável pelo forte incremento populacional nos últimos dez anos, o que resultou em uma progressiva ocupação dos espaços livres e de áreas ambientalmente frágeis, impróprias para habitação. Esse fator sobrecarregou as infraestruturas existentes e levou o bairro a graves problemas sociais e ambientais, como falta de coleta de esgoto e de acesso à água tratada, além do aumento da incidência de alagamentos, o que contribuiu fortemente para o aumento das tensões entre os moradores mais antigos e os recém-chegados, e para a fragmentação interna entre setores habitados por moradores com condições de vida muito diferentes (Getlinger, 2021).

De acordo com levantamento da Prefeitura de São Paulo (2016), a área teve crescimento urbano acelerado, sobretudo nos anos de 1950, estimulado pela intensa migração nordestina, característica também de outros bairros da Zona Leste (Fontes, 2008). A premência por moradia resultou em um processo de urbanização marcado por desenhos de bairro mal trabalhados, infraestrutura precária e as primeiras ocupações de áreas vulneráveis e sujeitas a enchentes. A

utilização de terrenos impróprios está longe, de qualquer forma, de ser uma particularidade do Lapena, marcando o próprio processo de urbanização desordenada da cidade de São Paulo (Rolnik, 2012). Regiões distantes do centro da cidade tenderam a receber atenção e investimentos focalizados nos sistemas viários, necessários para o trânsito da população entre suas moradias e seus locais de trabalho (Rolnik, Frúgoli JR., 2001). Atualmente, os problemas ambientais do Lapena apresentam um quadro de complexidade típica da ocupação de áreas de várzea, reforçada pela forte pressão habitacional e a ocupação, para fins de moradia, de praticamente toda a área natural de cheia do rio Tietê (Getlinger, 2021).

Para entender a origem do Bairro Jardim Lapena, é preciso prescrutar o histórico das últimas décadas de mobilização dos moradores em prol de seus direitos e das conquistas populares para melhorias da região, assim como o papel e o trabalho da Fundação Tide Setúbal, organização não governamental criada em 2016 em São Miguel Paulista. Algumas das iniciativas desenvolvidas nessa trajetória destacam-se por serem precursoras: o projeto de Educação Ambiental no Tratamento do Lixo, que promoveu ações de educação e gestão ambiental sobre a coleta de lixo e a intervenção paisagística em um beco do bairro; o projeto Território Educador, que propôs impulsionar organizações locais e moradores a “transformar sonhos em propostas para o bairro”; e, por fim, o Fórum de Moradores do Jardim Lapena e Adjacências, que estimulou a participação dos moradores em temas de políticas públicas e serviços presentes no bairro (Getlinger, 2021; Bunduki, 2018).

O Trabalho de Memória

A rede de entrevistadas e entrevistados foi construída a partir do contato com Deusivânia Gomes da Silva (Vânia), moradora do bairro desde 2000, agente de saúde na UBS Jardim Lapena desde 2014 e coordenadora do grupo “Guardiãs do Território” desde o início da pandemia. Neste artigo, mobilizaremos as narrativas de seis participantes da pesquisa: são vozes importantes em meio às experiências e à memória coletiva de idosos e moradoras da periferia de São Paulo.

O grupo foi organizado no Galpão ZL, equipamento cultural, social e espaço de referência do bairro, que concentra uma série de atividades voltadas para educação, saúde, cultura e empreendedorismo. O Galpão ZL é gerido pela Sociedade Amigos Jardim Lapena, em conjunto

com a Fundação Tide Setúbal.² Em abril de 2020, algumas mulheres decidiram unir esforços para minimizar os efeitos da pandemia do coronavírus sobre seus mais de 15.000 vizinhos e fizeram um mapeamento do território, entregando 2.000 cestas básicas e, logo em seguida, 2.000 vales-alimentação doados pela Fundação.

O grupo das Guardiãs foi crescendo até chegar a 112 mulheres que realizam trabalho voluntário, sendo que 20 delas exercem a função de coordenar a ação de outras. Elas são donas de casa, trabalhadoras autônomas, empreendedoras ou desempregadas. Avós, mães, esposas. Inicialmente, cada uma ficava responsável por uma área da comunidade. Posteriormente, cada uma ficou encarregada da rua em que mora e de fazer chegar as milhares de doações para os moradores. Em quase um ano de pandemia, foram entregues mais de 10.000 máscaras e frascos de álcool, além de arrecadarem camas e colchões, que as Guardiãs direcionaram aos moradores enfermos ou em situação mais vulnerável. Entre as Guardiãs, também foram escolhidas para um ciclo de dois anos uma presidenta, uma vice-presidenta, uma tesoureira e duas secretárias. Essa direção fica responsável por dividir as tarefas entre os diferentes grupos de mulheres. Atualmente, o grupo segue com as ações e mobilizações comunitárias no bairro, como encaminhar moradores aos serviços públicos conforme suas necessidades.

As entrevistas trouxeram construções a partir de temas como as mudanças nas relações laborais, de saúde, lazer e de afetos, entre outros desafios no cotidiano desses sujeitos, além de potencializar o debate público ao promover processos de escuta em situações de vulnerabilidade social, uma vez que as questões de classe, gênero e raça atravessam suas vidas e evidenciam a desigualdade. As pessoas entrevistadas têm vida ativa na comunidade, principalmente em orientações à população, atuando em movimentos populares como a Marcha das Margaridas, o Movimento Popular de Saúde da Zona Leste de São Paulo, o Movimento pela Abertura e Consolidação das Universidades Públicas na Zona Leste de São Paulo e o Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua.

Histórias orais em tempos de pós-pandemia podem situar relações e transformações numa perspectiva temporal, dinâmica e contingente, excedendo os modelos explicativos mecânico-

² Vide a respeito: <https://fundacaotidesetubal.org.br/galpao-zl/>

biológicos, além de ser um recurso central para a história do tempo presente (Santhiago, 2022). A partir da oralidade, foi possível observar o trabalho de memória – escolhas narrativas referentes às formas como os idosos significam o tempo presente no contexto da pandemia para desenvolver sua autobiografia a partir das suas conexões temporais entre passado, presente e expectativas futuras. A história oral (Santhiago, 2022) tem realmente se preocupado com a experiência social a partir da experiência individual de outros sujeitos: pessoas idosas, pobres, negras, além de membros de outras comunidades consideradas vulneráveis, por terem sua condição humana desrespeitada.

A ideia do senso comum de que a pandemia igualou a todos mostra-se frágil ao escutarmos as histórias do projeto. As experiências individuais colaboram para desestabilizar o imaginário de que todos os seres humanos são iguais diante do perigo e da ameaça de uma crise pandêmica. Questões de classe, território e raça atravessam a vida (e as narrativas de vida) e evidenciam as disparidades e injustiças sociais.

O impacto da pandemia da Covid-19 na experiência cotidiana e no imaginário social tem instigado muitas pessoas a compreender como as sociedades do passado viveram, sobreviveram e ressignificaram os episódios epidêmicos, ou, em uma perspectiva mais ampliada, a doença. Isso acaba demonstrando um pouco do que é esta História do Tempo Presente: uma história ainda por se fazer. Composições relativas aos fazeres cotidianos, a condição humana como um construto que se dá nas relações e disputas pelo poder.

O acervo público das narrativas nasce de uma produção colaborativa do Galpão ZL, das Guardiãs do Território e das pessoas idosas do bairro, e foi construído com o intuito de integrar e contribuir para o aprofundamento do debate público em torno do envelhecimento e da pandemia no Brasil. O acervo está alocado no Centro de Memória Urbana (CMUrb), que inclui um Ateliê de História Oral. O Ateliê é uma das ações desenvolvidas pelo CMUrb responsável pela reunião, organização, preservação, disponibilização pública e difusão de conjuntos documentais dos mais variados gêneros e proveniências, constituindo acervos e problematizando suas múltiplas significações sociais, culturais, ideológicas e políticas.

No CMUrb, a história pública tem sido pensada como um processo ativo e inclusivo. O centro trabalha na produção e guarda do patrimônio documental, atuando com ênfase na

pesquisa narrativa, e busca fomentar a produção de conhecimento crítico sobre transformações urbanas, a partir de casos locais. Assim, é um espaço de reflexão e de interlocução qualificado, que contribui para o recebimento e arquivamento do acervo público em questão e para o registro de narrativas orais de grupos diversos presentes na cidade. Importante ressaltar que o CMUrb está localizado no Instituto das Cidades da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), na Zona Leste de São Paulo, um espaço de pensamento convergente que tem a história, a memória e o patrimônio enunciados em seu projeto político-pedagógico como elementos cruciais para o estudo de questões sociais, urbanas e ambientais.

Todo o material do acervo de entrevistas públicas presta-se à observação dos conteúdos narrados e dos grandes temas a que aludem. Mas os testemunhos convidam também a observar as estratégias narrativas desses idosos, que repensam suas trajetórias nesses tempos desafiadores depois da Covid-19. Eles trazem também a reflexão sobre a dimensão do envelhecimento, ou seja, o quanto a memória dos idosos fortalece uma perspectiva muito forte para a história pública, em seu compromisso com a história democrática.

Memórias da pandemia

Um passado recente, momentos que muitos nunca imaginariam viver. Das notícias de uma doença que começava na China e foi se espalhando por vários países até uma quarentena que se arrastou por anos. As realidades sob a Covid-19 são inúmeras, complexas e multifacetadas, e, em muito pouco tempo – em tempo real, inclusive –, tornaram-se objeto de discussão de sociólogos, psicólogos sociais, antropólogos, historiadores e outros estudiosos humanistas e de fronteira. Aqui, o propósito é compreender como idosos que moram em uma região pouco abastada da cidade de São Paulo, muitas vezes relegada pelo poder público, vivenciaram esses momentos e como eles narram suas vivências.

Maria da Glória Oliveira, primeira entrevistada que conheceremos, nasceu em 1945 na Bahia e mudou-se para São Paulo, no bairro de São Miguel Paulista, no ano de 1952. Veio com a mãe e as irmãs, já que o pai havia se mudado para São Paulo anteriormente para trabalhar em uma metalúrgica. Com o emprego, ele enviava dinheiro para a mãe de Dona Glória (forma com que os moradores do bairro chamam a entrevistada) até que fosse possível trazer toda a família,

estratégia recorrente em processos migratórios familiares. Das lembranças da viagem até São Paulo, ela recorda a chegada em um dia frio, numa viagem feita em um caminhão do tipo pau-de-arara. Da vida no bairro, ela se lembra dos vários empregos como faxineira, cobradora, tecelã, até o último, de cozinheira, na Associação de Moradores do Jardim Lapena. Sobre a pandemia, diz:

Em casa não pegou ninguém, graças a Deus... Tomei, tomei todas as vacinas. Todas, todas. E aqui, graças a Deus, ninguém, nenhum dos meus filhos, ninguém pegou a Covid, ninguém. Que eu disse a eles: “tenham fé em Deus, que quem é batizado, quem crê em Deus, a doença não pega”. Foi desse jeito. E desse portão pra fora ela tá é solta, mas do portão pra dentro ela não entra. E não entrou. Não entrou. Eu fiquei aqui, ó, já vai pra quatro anos aqui dentro, e com isso eu adquiri mais doença nas perna, né, porque não podia ir pro médico (Oliveira, 2022)

No depoimento, a aposentada chama a atenção para a fé, que fica evidente em suas recordações. Foi nessa fé que ela e muitos outros se agarraram durante o período mais crítico da pandemia. No fim de sua fala, porém, ela relata uma consequência indireta do isolamento social: ao evitar ir aos hospitais, muitos problemas de saúde, tanto físicos quanto mentais, foram agravados. No caso da entrevistada, um problema em um nervo da perna levou à atrofia e a dores intensas, além de dificultar sua locomoção. Glória lembra que, antes desse problema, ela andava por todo o bairro. Católica, ela orientava e ensinava os dogmas da Igreja para a população local. Ministra da Eucaristia, chegou inclusive a celebrar missas na ausência de um padre. Em suas recordações, lembra-se da construção da igreja, da qual foi figura ativa, um papel reconhecido pela comunidade local, que inclusive lhe deu uma placa de pioneira. O período de isolamento foi também um momento de aprendizado: os filhos ensinaram Dona Glória a usar o WhatsApp (que ela chama carinhosamente de “zap”). Ela diz que manda mensagens para as amigas e para a família. A entrevistada, que demonstra uma fé inabalável e uma positividade forte, consegue ainda extrair algo bom da experiência triste que foi o isolamento social da COVID-19:

Essa doença fez com que todo mundo se reunisse e fez uma coisa que... com as pessoas, conversar com os olhos, porque ninguém olhava no olho, no outro, tá entendendo? Agora não. Eu tô conversando com você, cê tá de máscara, cê pode sorrir, não tô vendo os teus lábios, mas tô vendo teus olhos que tá sorrindo junto com os teus lábios, entendeu? É... a gente aprendeu muito com essa parte. Fez a pessoas parar e olhar mais no outro, que ninguém mais se olhava, sabe?, é uma distância muito grande do ser humano, com eles mesmo, com eles mesmo. Essa doença veio pra unir mais, fez com que o... fez com que o rico abaixasse a bola e com que o pobre deixasse de ser orgulhoso. (Oliveira, 2022)

Outra entrevistada para a pesquisa foi Sonia Maria Aparecida de Souza, nascida em 5 de maio de 1955. Seus pais vieram da Bahia: a mãe trabalhava como doméstica e o pai, que ela descreve como semianalfabeto, trabalhava no Banco Itaú. O casal teve cinco filhos, e a infância de Sonia e dos irmãos não foi fácil, mas ela ressalta que foram criados para serem sempre pessoas honestas. “Não nasci em berço de ouro”, ela diz, mas completa: “Tenho orgulho da minha família, da minha origem.”

Sobre o bairro, ela diz: “O Lapena, aqui é minha vida. Eu amo esse lugar.” Ela relembra que, quando chegou com a família, moravam na rua do Mercado, numa casa com dois cômodos. Sua memória então retorna à geografia do bairro nas décadas passadas: lembra que o Rio Tietê passava próximo, da falta de luz, dos poços onde buscavam água, de aguardar o trem para poder chegar ao centro de São Paulo.³ Ela lembra com tristeza que muitos perderam a vida ao tentar atravessar os trilhos para cumprir suas funções do dia a dia: a má sinalização ou a urgência fazia com que as pessoas se arricassem, o que, por vezes, tinha um trágico destino. A memória de Sonia ajuda a pensar nas mudanças pelas quais o bairro passou nas últimas décadas. Ela, em seu depoimento, diz que sempre pensava: “Meu Deus, quando será que vai chegar o progresso aqui?”. Ela lembra ainda que, na infância, o tio matava carneiro e ela limpava a buchada para vender. Recordar-se também de fazer sabão. Seu depoimento é saudoso. Ela rememora detalhes do bairro, do cotidiano, da família. Mesmo quando ressalta dificuldades, suas memórias parecem sempre entremeadas de alegria, como quando as crianças iam pegar água na torneira e acabavam fazendo uma farra, tomando banho de roupa mesmo, fazendo daquele momento uma grande bagunça. (Souza, 2022b)

Das memórias alegres da infância, passamos para as lembranças da pandemia de COVID. Sonia conta que a “pegou” logo no começo e, dentre as pessoas próximas que se contaminaram, ela recorda: “Eu fui a que fiquei pior, porque tenho baixa imunidade”. Perdeu o apetite, não sentia o paladar, emagreceu muito e, quando ouviu dizer que estavam morrendo “famosos”, ela pensou: o que seria, então, dos “pobres?”, refletindo, portanto, sobre as possibilidades e recursos, que são evidentemente díspares em razão do corte de classe. Tratou-se, como vários veículos de imprensa

³ Anos depois ele foi desviado e não é mais tão próximo do bairro.

chamaram, de uma “pandemia da desigualdade”. Uma morte que ela cita, e que se configurou como um baque coletivo, foi a do humorista Paulo Gustavo, que faleceu por complicações da Covid-19 aos 42 anos. Ao saber da morte dele, Sonia pediu a Deus para interceder pela sua família – gesto que evidencia o entrelaçamento entre as dimensões do público e do privado ao longo de uma pandemia altamente repercutida pela imprensa, a primeira delas acompanhada em redes sociais digitais. (Souza, 2022b)

Ao receber a notícia de que a vacina já estava disponível, ela disse: “Corri pro posto” e seguiu dizendo que já havia tomado até a terceira dose e já “tá correndo pra tomar a quarta, é só eles chamarem.” A entrevistada pede para deixar registrado na entrevista que “graças a Deus não perdi ninguém... não perdi aqui da minha... da minha casa”, mas ressalta que perdeu tios mais idosos. Sonia rememora ainda que uma conhecida perdeu as filhas e das tristezas das despedidas, termina falando de Deus, “que somos todos irmãos, e por isso a necessidade do respeito com o outro, sempre, independentemente da cor, credo, sexualidade.” (Souza, 2022b)

Ecléa Bosi, em seu livro **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos** (1973/2023), chamava a atenção para a rejeição da sociedade em relação aos velhos, que não ofereceriam “nenhuma sobrevivência à sua obra”, já que, ao perder a força de trabalho, o velho não seria nem produtor nem reproduzidor (p. 80). Os dois depoimentos mostram duas idosas que atuaram muito para suas comunidades, mas que, hoje, em função da saúde e da pandemia, estão menos ativas. Entretanto, são pilares da história de um bairro, sendo por vezes reconhecidas como tal pela sociedade. Em suas memórias, vemos emergir o saudosismo do tempo em que eram mais ativas, com a sabedoria do tempo vivido e o reconhecimento da importância de suas histórias.

O terceiro entrevistado é João de Deus do Nascimento, nascido no Piauí, na região do Parque Nacional da Capivara. Descendente de índio, como ele ressalta, mudou-se em 1968 para Brasília, onde cursou a Escola Especialista da Aeronáutica, morou em alguns estados e cidades, até que, em 1973, mudou-se para a região da Zona Leste de São Paulo, no Jardim Lapenna. Em sua narrativa, João de Deus se mobilizou em torno de aspectos de sua experiência compartilhada como educador popular. Trata-se de tecer um conhecimento coletivo “a partir de um trabalho, que recria, de dentro para fora, formas concretas dessas gentes, grupos e classes participarem do direito e do poder de pensarem, produzirem e dirigirem os usos de seu saber a respeito de si

próprias” (Brandão, 2006, p. 9-10). A apreensão desse conhecimento coletivo possibilita, assim, que sujeitos populares se engajem na reescrita da História.

João segue seu depoimento destacando que a espécie humana depende muito uns dos outros e que, na pandemia, esse pensamento de interdependência fortaleceu seus pensamentos. Ele diz que todos tivemos de parar e refletir, que “ou nós vamos valorizar a Terra, nosso patrimônio maior, ou então mais pandemias virão” (Nascimento, 2022). João de Deus ainda nos mostra a possibilidade de recuperar trajetórias pessoais, desvendar as condições socioeconômicas e culturais que explicam diferentes respostas às crises e, ainda, criar espaço para reflexão e ação, ampliando possibilidades de encontros temporais, espaciais e coletivos que nos exigem repensar as formas decoloniais e descolonizadas de produção e divulgação de saberes.

Sobre a pandemia, ele rememora como seus familiares pegaram o vírus:

Aqui teve um grupo de cinco pessoa que pegaram aqui em casa o Covid. Aqui dentro... aqui dentro de casa. A minha nora pegou, ele trabalha na rede hoteleira e usa transporte público, e... um sobrinho, um genro, e outro sobrinho. Ou seja, aqui dentro. Porque aqui dentro mora muita gente. Eles se isolaram na casa deles. A minha nora por exemplo, tem uma netinha de cinco anos, que tá na escola essa hora. Ela não ficou lá, veio pra cá, ficou com a gente, e ela ficou isolada. A gente fazia comida e levava pra ela, deixava lá, ela pegava e... Quem ficou com ela direto foi meu filho, porque quando ele viu já não tinha... não vai fugir depois que tá. Como os dois trabalha com o público, interessante, ela pegou e ele não pegou. Ele trabalha no Mc Donald's e ela trabalha num hotel. Aqui no meu quintal mora uma filha, que mora no fundo, meus filho mora na outra casa, são oito casas aqui, é nosso. Mas eu não peguei Covid, eu não, eu não. Não sei se por causa do medo ou se também eu fui tendo muito cuidado. Mas não tem isolamento pro trabalhador. (Nascimento, 2022)

João continua seu depoimento lembrando que vivemos em uma sociedade do medo e que o maior desafio que tivemos que superar durante a pandemia foi a intolerância. Rememora que, no seu trabalho no Movimento Popular de Saúde da Zona Leste de São Paulo, muita gente chegava ao posto de saúde querendo escolher a vacina, mas frisa que esse comportamento é recente, uma vez que o Brasil é um país com tradição em se vacinar. Ao final, o entrevistado lembra da frase do hoje ex-presidente Jair Bolsonaro, sobre virar jacaré quem tomasse vacina, e finaliza destacando a importância do Sistema Único de Saúde (SUS) como patrimônio do nosso país.

A fala de João, que exerce ainda hoje um papel social em sua comunidade, denuncia a devastação provocada pela negligência, a ruptura da vida ordinária e seu peso sobre todos/as os/as envolvidos/as com as questões relativas à saúde, ao trabalho, à militância e à hesitação vacinal.

Ao ler esses depoimentos, evocamos novamente o trabalho pioneiro de Ecléa Bosi:

Se existe uma memória voltada para a ação, feita de hábitos, e uma outra que simplesmente revive o passado, parece ser esta a dos velhos, já libertos das atividades profissionais e familiares. Se tais atividades nos pressionam, nos fecham o acesso para a evocação, inibindo as imagens de outro tempo, a recordação nos parecerá algo semelhante ao sonho, ao devaneio, tanto contrasta com nossa vida ativa. Esta repele a vida contemplativa. Mas o ancião não sonha quando rememora: desempenha uma função para qual está maduro, a religiosa função de unir o começo ao fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens (Bosi, 2023, p.84)

Sua abordagem continua relevante e é uma referência para o diálogo com os entrevistados, quando nos lembra que a memória dos idosos é responsável por mediar as experiências da geração atual e aquelas vividas no passado. Através dessas memórias, temos a possibilidade de acessar outros regimes de verdade, de outras maneiras de conhecimento e de reconhecimento de subjetividades silenciadas (Bosi, 2023).

Memórias militantes de mulheres

Se os três primeiros depoimentos versam sobre a vida comunitária no bairro Jardim Lapena, os próximos três têm um ponto em comum: são mulheres idosas que, em suas narrativas, destacam seu engajamento político e nos apresentam sua força e as resistências plurais de ontem e do tempo presente.

Dialeda nasceu em 3 de julho de 1951. Em sua narrativa, se define como militante e feminista, e foi assim que ela se descobriu “protagonista”. Fala sobre ter conhecido o movimento social “União das Mulheres”, as militantes Amelinha Teles e Criméia, sobre sua ida para a “Marcha Mundial das Mulheres”, mas recorda que, nos últimos tempos, em função da saúde debilitada pela idade, passou a ficar mais tempo em casa e, com a pandemia, esse momento foi prolongado. Ela recorda que se sentiu muito “crascada” por não poder ter saído na rua gritando “Fora, Bolsonaro! Fora!”, o que, para ela, é como uma catarse e faz parte da luta de todas as mulheres que sofrem com o machismo. (Souza, 2022 (a))

Sobre a pandemia e o isolamento social, Dialedda classifica como um momento penoso, que foi um atraso na vida, principalmente na das mulheres, que foi e ainda está sendo triste, “mas ao menos hoje a gente está vacinada”. Seu depoimento é envolto por uma melancolia ao narrar suas perdas familiares pela pandemia: seu cunhado falecido, depois a cunhada, além de uma irmã que já estava doente e morreu de câncer no meio da pandemia. “Foi tudo de uma vez, minha filha! De uma hora pra outra, a gente praticamente ficou sem família...” Sua narrativa mostra como, para algumas famílias, a pandemia atingiu em cheio, desestruturou e deixou marcas que não serão apagadas. Ela lembra que até a militância parou, que os funcionários do hospital adoeciam e muita gente evitava ir ao local sem extrema necessidade. Ela ressalta que tudo parou, as pessoas se isolaram, tudo foi muito difícil, mas termina dizendo: “Isso tem de ser escrito, isso tem de ser escrito na história!” (Souza, 2022 (a))

Na narrativa de Dialedda e nos próximos depoimentos, existem mais de uma estratificação da memória nas histórias de vida, que incluem relatos de vida pessoal e da experiência histórica, como destaca Luisa Passerini: “São úteis para documentar continuidades de vários tipos entre o período precedente e as escolhas feitas pelas narradoras em suas vidas”. (Passerini, 2011, p. 56)

Outra entrevistada é Fermina Lopes, nascida em 12 de outubro de 1951. Por morar ao lado de um hospital e em frente a uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA), suas lembranças são das ambulâncias passando na rua “aos gritos, vinte e quatro horas por dia!” Fermina finaliza sua narrativa dizendo que sofreu muito e que muitos conselheiros e conselheiras de saúde morreram pelo vírus, além de chamar a atenção para o medo: “O COVID nos fez ter medo de tudo: de ir fazer compras, de encontrar com entes queridos, o medo tomou conta”. Suas memórias recordam a perda da conselheira e amiga Marli, e, por fim, ela ressalta o aumento da violência contra mulheres, crianças e idosos durante a pandemia, em função de todos estarem trancados em casa. Destaca ainda que, mesmo oferecendo ajuda, muitas pessoas não aceitam, mas não por não querer, e sim por não conseguir. Narra sobre o medo de pessoas próximas e vizinhos ficarem sabendo: “Esse medo faz com que as pessoas não façam as denúncias, muitas vezes pessoas militantes, que evitam expor o que acontece com elas”. (Lopes, 2022)

O terceiro depoimento e último dos seis entrevistados é o de Isabel Piragibe, nascida em 28 de março de 1949:

Eu fiz umas máscaras na máquina de costura, sabe, depois eu arrumei, olha só a dificuldade na internet, tenho um amigo que é da União da Juventude Comunista. Aí, eu tenho contato aqui no bairro, eu me aproximei na pandemia mais deles, porque a moçada tava mais aberta e eu, é... e assim, me respeitando, eu conversava com eles na porta pra fora. E ele encomendou pra mim, um deles encomendou pra mim, aquelas máscaras já oficiais né, os não sei o que lá, então eu tenho até hoje (Piragibe, 2022)

Isabel recorda ainda de um sobrinho bolsonarista que não utilizava máscara. Mesmo evitando conversar com ele, em determinado momento ela resolveu não mais abrir a porta de sua casa e passou a atendê-lo só do portão, uma vez que ele não cumpria o isolamento social e poderia transmitir o vírus para outras pessoas. A entrevistada destaca que, com a pandemia, ficou evidente a necessidade de valorizar cada vez mais a ciência, valorizar o abraço e o encontro presencial.

As atividades anteriores à pandemia foram lembradas por Isabel com muito saudosismo. Ela recorda as reuniões do grupo e as idas a manifestações populares, incluindo a viagem para Brasília, em 2016, durante o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, fazendo vigília pela democracia. Isabel se define como ativista, feminista, e diz que a pandemia fez com que ela sentisse falta de suas atividades. Ela destaca que não é uma mulher “Bela, Recatada e do Lar”, e, no momento da gravação da entrevista, em outubro de 2022, seu maior sonho era estar presente na posse do presidente Lula, em 2023, além de seguir lutando coletivamente pela região da Zona Leste de São Paulo, ajudando as pessoas.

A pesquisadora Daphne Patai, ao escrever o livro *História Oral, Feminismo e Política* (2010), ressalta a importância de pesquisar a história das mulheres e, além disso, entender de que forma suas memórias são elaboradas, assim como a relação do entrevistador(a) com as entrevistadas. A autora chama atenção para o fato de que “histórias orais são textos coletados em condições altamente variáveis, em pontos únicos no tempo e em circunstâncias particulares” (Patai, 2010, p. 95). Fazer as entrevistas quando o vírus da COVID-19 ainda era uma preocupação foi uma forma de entender de que maneira essas moradoras da Zona Leste de São Paulo viveram e rememoram aquele momento.

A escolha de trechos de suas narrativas ocorreu devido ao fato de considerar suas vozes representativas de uma memória coletiva de idosas, mulheres e moradoras da periferia de São Paulo. A ideia do senso comum de que a pandemia igualou a todos mostra-se frágil ao escutarmos suas histórias, desconstruindo o imaginário de que todos os seres humanos são iguais diante do perigo e da ameaça de uma crise pandêmica. As questões de classe, gênero, território e raça atravessam suas vidas e evidenciam a desigualdade.

História Oral Participativa no Tempo Presente

O debate público sobre memórias coletivas entrecruza os sentidos de passado presentes no território do Galpão ZL – Jardim Lapena. Nas significações que o compõem, é possível discutir os usos do passado no Galpão ZL – que ameaçam penetrar o presente, explicitando problemas sociais (Borges, 2018). A história traz um campo de ruínas, preenchido por ações não concluídas (Benjamin, 1987). Ao incluir disputas pela memória coletiva, a discussão possibilita olhar para a história desse local como um conjunto de ruínas – que se construíram a partir da exclusão, mas que buscam inclusão. Insurgem novos sentidos de passado, a partir da expansão da história por meio do trabalho de memória, resultando em uma ação deliberada de ocupação da cena pública e combate às injustiças, ou seja, de tomada de posição.

A partir dos procedimentos da história oral, o tempo presente é o ponto de partida para a constituição das subjetividades dos sujeitos históricos de forma participativa. A história oral participativa traz práticas dialógicas de compartilhamento e produção do conhecimento: uma produção colaborativa, pretendida por pesquisadores atentos às dimensões públicas dos saberes históricos. A produção de conhecimento e as práticas historiográficas, referentes aos usos do passado e à partilha de autoridade, balizam o trabalho de história oral participativa – comprometida com a inclusão e com o debate público. Uma realidade em movimento, a história oral traz dimensões inclusivas: por ser aberta ao encontro dos múltiplos saberes, a partir das interpretações da presença do passado em nosso cotidiano. As iniciativas voltadas para a memória urbana e a produção colaborativa assumem seu papel social e reflexivo para além do caráter arquivístico de formação de acervo oral em comunidades.

A participação das comunidades (coletivos e redes de apoio ligadas ao Galpão ZL – Jardim Lapena) na produção de conhecimento é um desafio que se coloca à história oral, uma vez que a partilha de autoridade nesses processos pode não significar a participação plena de todos. Afinal, não é suficiente apenas adicionar participantes, de modo harmonioso, em “momentos de criação partilhada”; pois a inclusão de redes de entrevistados nem sempre significa estabelecer diálogos efetivos. É vital ponderar sobre os públicos (e comunidades) não abrangidos por nossas iniciativas e como estes podem ser segmentados. Os interesses pela construção coletiva do passado são resultado da composição entre pessoas, articulações comunitárias, temáticas sensíveis e sentidos de lugar.

A pesquisa no Galpão ZL – Jardim Lapena promove reflexões sobre as formas de co-participação pública, com a presença ativa dos diversos entrevistados em diferentes espaços. Isso implica estudar e mapear a presença de cada entrevistado e considerar sua autonomia e os processos de mediação – por meio de procedimentos éticos, formas e possibilidades de engajamento. Lidou-se, cotidianamente, com gradações distintas de participação, em uma pedagogia cidadã para a ocupação e significação do Jardim Lapena.

A participação ativa, a inclusão e a coprodução para e com os públicos e comunidades desafiam os coletivos de história oral participativa a estabelecerem relações éticas e dialógicas entre a localidade e os espaços mais amplos. Assim, é essencial valorizar as conexões entre as memórias sociais, apreender suas dissonâncias, contestações e perspectivas fragmentadas. A história oral participativa busca ser democrática e inclusiva, com envolvimento ativos e, na medida do possível, colaborações constantes para produzir conhecimentos e ações alinhadas com demandas sociais.

A diversidade teórico-metodológica e temática do projeto realizado no Galpão ZL – Jardim Lapena promoveu a criação de um acervo coletivo/colaborativo a partir da pluralidade das interlocuções. Ao discutir os desafios da pesquisa participativa em sua interface com a história oral, é possível refletir sobre os desafios dessa construção coletiva, que envolvem uma série de imprevistos que enriqueceram o projeto.

Destacam-se as dinâmicas fundamentais para as parcerias e colaborações no trabalho de história oral participativa: o diálogo para construir procedimentos metodológicos a partir de cada

momento; a ampliação do espaço de participação dos sujeitos envolvidos (de forma mais espontânea, desde a criação do projeto de pesquisa até o seu desenrolar); a percepção da pesquisa não apenas enquanto uma opção acadêmica, mas também uma opção comunitária; a participação cidadã na pesquisa, a partir das demandas negociadas coletivamente pelos sujeitos integrantes do processo participativo; a percepção dos impactos das disputas e hierarquizações no trabalho de memória. A mediação com as comunidades locais não se resume à divulgação de suas histórias a um público mais amplo, mas passa pela negociação de escolhas narrativas e reparações históricas – a partir das dimensões políticas da cidadania e dos direitos humanos.

Considerações finais

As principais questões discutidas atravessam os desafios da história oral participativa durante o isolamento social da pandemia de Covid-19 no Brasil. Nas narrativas dos idosos, destacam-se o compromisso político com a polifonia de vozes, culturas e saberes populares, a afirmação da dimensão formativa de investigações colaborativas e participantes, que possibilitam o desenvolvimento de processos de aprender e pensar narrativamente, assim como o reconhecimento de que as histórias e narrativas de sujeitos e grupos populares condensam saberes, significados e sentidos relevantes para o processo de ressignificação do presente e das epistemologias vigentes.

As histórias de vida desvelam situações de vulnerabilidade e nos mostram o quanto pandemias e epidemias têm classe social, gênero e raça. São relações que engendram um conjunto complexo, desde as tomadas de decisão sobre (não) vacinar até (não) seguir as medidas preventivas e de controle da propagação da Covid-19. Tais relatos revelam, de um lado, o resgate da crença na ciência e na medicina, e, de outro, expressões de resistência às medidas vigentes, como o negacionismo científico e os índices abaixo do esperado de vacinação em algumas cidades e em determinados segmentos sociais.

As histórias narradas, mas também sentidas e compartilhadas por meio de gestos e atenções, nos mostraram desilusões e esperanças, invisibilidades e exclusões, mas também a força e as resistências plurais de ontem e do tempo presente, em ações comprometidas com a superação das injustiças sociais. As narrativas dos idosos evidenciam "o entendimento de que a história oral

é mais do que uma técnica específica de pesquisa narrativa: é também a ignição para trocas de experiências com ressonâncias pessoais e intelectuais profundas" (Santhiago, Patai, 2021), pautadas na escuta das vozes e histórias de vida de sujeitos e grupos populares que foram invisibilizados e silenciados pela colonialidade do poder e do saber.

Agradecimentos

O apoio financeiro da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (proc. nº 2021/11614-6), por tornar possível esta pesquisa. Agradeço também aos pesquisadores Ricardo Santhiago, Juniele Rabelo e Daniel Saraiva pelas considerações e trocas acadêmicas realizadas durante a escrita do artigo.

Referências bibliográficas

ABREU, Martha. Cultura imaterial e patrimônio histórico nacional. In: ABREU, Martha; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAL, Marta Gouveia de Oliveira (orgs). *Introdução à história pública* (Apresentação). São Paulo: Letra e Voz, 2011.

_____. Juniele Rabêlo de. Práticas de história pública: o movimento social e o trabalho de história oral. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo (orgs). *História Pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BORGES, Viviane Trindade. Como a história pública pode contribuir para a preservação dos patrimônios difíceis? In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (orgs). *Que história pública queremos?* São Paulo: Letra e Voz, 2018.

BONDUKI, Nabil (org.). *A luta pela reforma urbana no Brasil: do seminário de habitação e reforma urbana ao plano diretor de São Paulo*. São Paulo: Instituto Casa da Cidade, 2018.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 20. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

FONTES, Paulo. *Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009.

FRISCH, Michael. *A Shared Authority: essays on the craft and meaning of oral and public history*. Nova Iorque: SUNY Press, 1990.

_____. A história pública não é uma via de mão única, ou, de *A Shared Authority* à cozinha digital, e vice-versa. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo (orgs). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

GETLINGER, Daniela Cristina. *Plano de ação local como elemento de integração e territorialização de políticas públicas em áreas de vulnerabilidade social: o caso do Jardim Lapena*. 2021. 246 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2021.

HARTOG, François. Tempo e patrimônio. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, 2006.

HUYSSSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

LIDDINGTON, Jill. O que é história pública? In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (orgs). *Introdução à história pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto História*, São Paulo, v. 17, p. 63-201, 1998.

MENESES, José Newton Coelho. Todo patrimônio é uma forma de história pública? In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (orgs). *Que história pública queremos?* São Paulo: Letra e Voz, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1998.

QUADRAT, Samantha Viz. É possível uma história pública dos temas sensíveis no Brasil? In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (orgs). *Que história pública queremos?* São Paulo: Letra e Voz, 2018.

PASSERINI, Luisa. *A memória entre política e emoção*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

PATAI, Daphne. *História oral, feminismo e política*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

ROLNIK, Raquel. *São Paulo*. São Paulo: Publifolha, 2012.

ROLNIK, Raquel; FRÚGOLI JR., Heitor. Reestruturação urbana da metrópole paulistana: a Zona Leste como território de rupturas e permanências. *Cadernos Metrópole*, n. 6, p. 43-66, 2001.

SANTHIAGO, Ricardo; PATAI, Daphne. Uma história oral em três tempos: relações, construções narrativas, usos práticos da memória. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 74, p. 450-471, set./dez. 2021.

SANTHIAGO, Ricardo. História pública e autorreflexividade: da prescrição ao processo. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 286-309, 2018a.

_____, Ricardo. Pode-se falar de uma história pública brasileira? In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (orgs). *Que história pública queremos?* São Paulo: Letra e Voz, 2018b.

_____, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria. *História oral na sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

Entrevistas

LOPES, Fermina Silva. [jun. 2022]. Entrevistadora: Lívia Moraes Garcia Lima. São Paulo, SP, 06 jun. 2022.

NASCIMENTO, João de Deus do. [jun. 2022]. Entrevistadora: Lívia Morais Garcia Lima. São Paulo, SP, 18 jun. 2022.

OLIVEIRA, Maria da Glória. [jun. 2022]. Entrevistadora: Lívia Morais Garcia Lima. São Paulo, SP, 24 jun. 2022.

PIRAGIBE, Isabel Luiza. [mai. 2022]. Entrevistadora: Lívia Morais Garcia Lima. São Paulo, SP, 23 mai. 2022.

SOUZA, Dialela Francisca de. [jun. 2022]. Entrevistadora: Lívia Morais Garcia Lima. São Paulo, SP, 13 jun. 2022a.

SOUZA, Sonia Maria Aparecida de. [jun. 2022]. Entrevistadora: Lívia Morais Garcia Lima. São Paulo, SP, 28 jun. 2022b.

Lívia Morais Garcia Lima é professora assistente doutora da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Engenharia e Ciências, em Rosana. É professora permanente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista (PPGH-UNESP), na linha de pesquisa *História e Cultura Social*. Doutora em Educação (UNICAMP, 2015), com pós-doutorado pela Universidade de São Paulo (EACH-USP, 2021). É pesquisadora colaboradora do Centro de Memória da Unicamp (CMU) e do Centro de Memória Urbana da Unifesp (CMUrb).

Texto recebido em: 08/04/2024

Texto aprovado em: 08/11/2024